

A CONSTRUÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA DO CONCEITO DE BELEZA CORPORAL¹

THE SOCIAL AND HISTORICAL CONSTRUCTION OF THE CONCEPT OF BODILY BEAUTY

LA CONSTRUCCIÓN SOCIAL E HISTÓRICA DEL CONCEPTO DE BELLEZA CORPORAL

Galtiere Cavalcante da Silva²
Mirtha Maria de los Ángeles Insfran Cibils³

RESUMO: Esse artigo buscou analisar a construção social e histórica do conceito de beleza corporal, compreendendo como diferentes contextos culturais, filosóficos, religiosos, econômicos e midiáticos influenciaram a forma como os corpos são percebidos, valorizados e hierarquizados ao longo do tempo. A metodologia empregada caracteriza-se como pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamentada em autores das áreas da Sociologia, Filosofia, Comunicação e Estudos Culturais, como Le Breton, Eco, Bourdieu, Bauman e Debord, entre outros, permitindo uma análise crítica e interpretativa dos discursos sobre o corpo e a beleza. Os principais resultados indicam que os padrões de beleza não são universais nem naturais, mas construções históricas mutáveis, frequentemente associadas a relações de poder, consumo e controle social, sendo intensificadas na contemporaneidade pela mídia e pelas redes sociais. Constatou-se, ainda, que a imposição de ideais estéticos inatingíveis contribui para a insatisfação corporal, baixa autoestima e adoecimento físico e mental. Conclui-se que é fundamental problematizar esses padrões e promover uma concepção mais inclusiva de beleza corporal, que valorize a diversidade, a individualidade e o bem-estar, contribuindo para uma relação mais saudável e crítica com o corpo na sociedade contemporânea.

1

Palavras-chave: Beleza corporal. Construção social. Mídia.

ABSTRACT: This article aimed to analyze the social and historical construction of the concept of body beauty, understanding how different cultural, philosophical, religious, economic, and media contexts have influenced the ways bodies are perceived, valued, and hierarchized over time. The methodology adopted was a qualitative bibliographic study, grounded in authors from the fields of Sociology, Philosophy, Communication, and Cultural Studies, such as Le Breton, Eco, Bourdieu, Bauman, and Debord, among others, allowing for a critical and interpretative analysis of discourses on the body and beauty. The main results indicate that beauty standards are neither universal nor natural, but rather mutable historical constructions, often associated with power relations, consumption, and social control, which are intensified in contemporary society by the media and social networks. It was also found that the imposition of unattainable aesthetic ideals contributes to body dissatisfaction, low self-esteem, and physical and mental health problems. It is concluded that it is essential to question these standards and promote a more inclusive conception of body beauty that values diversity, individuality, and well-being, contributing to a healthier and more critical relationship with the body in contemporary society.

Keywords: Body beauty. Social construction. Media.

¹ Texto adaptado do capítulo teórico da dissertação de mestrado “O papel da Educação Física na (des)construção da concepção de beleza corporal e a influência das mídias: percepções dos estudantes do Colégio Estadual de Tempo Integral do Município de Tucano, Bahia, Brasil” apresentado a Universidad Gran Asunción – Pedro Juan Caballero (PY), 2024.

² Mestre em Ciências da Educação.

³ Orientadora. Prof. Doutora. Universidad Gran Assunción.

RESUMEN: Este artículo tuvo como objetivo analizar la construcción social e histórica del concepto de belleza corporal, comprendiendo cómo los distintos contextos culturales, filosóficos, religiosos, económicos y mediáticos han influido en la forma en que los cuerpos son percibidos, valorados y jerarquizados a lo largo del tiempo. La metodología empleada se caracteriza como una investigación bibliográfica de enfoque cualitativo, sustentada en autores de las áreas de Sociología, Filosofía, Comunicación y Estudios Culturales, como Le Breton, Eco, Bourdieu, Bauman y Debord, entre otros, lo que permitió un análisis crítico e interpretativo de los discursos sobre el cuerpo y la belleza. Los principales resultados indican que los estándares de belleza no son universales ni naturales, sino construcciones históricas cambiantes, frecuentemente asociadas a relaciones de poder, consumo y control social, intensificadas en la contemporaneidad por los medios de comunicación y las redes sociales. Asimismo, se constató que la imposición de ideales estéticos inalcanzables contribuye a la insatisfacción corporal, la baja autoestima y problemas de salud física y mental. Se concluye que es fundamental problematizar estos patrones y promover una concepción más inclusiva de la belleza corporal, que valore la diversidad, la individualidad y el bienestar, contribuyendo a una relación más saludable y crítica con el cuerpo en la sociedad contemporánea.

Palabras clave: Belleza corporal. Construcción social. Medios de comunicación.

INTRODUÇÃO

O conceito de beleza corporal não é um dado natural ou imutável, mas uma construção social e histórica que se transforma conforme os contextos culturais, religiosos, econômicos e políticos de cada época. Ao longo da história ocidental, o corpo foi interpretado de diferentes maneiras, ora valorizado como expressão de harmonia e virtude, ora reprimido e controlado por discursos morais, científicos e institucionais. Na contemporaneidade, essa construção ganha novos contornos com a intensificação da influência da mídia, das redes sociais e da lógica do consumo, que difundem padrões estéticos idealizados e, muitas vezes, inatingíveis. 2

O problema que orienta este estudo está relacionado aos impactos desses padrões de beleza na forma como os indivíduos percebem, avaliam e vivenciam seus próprios corpos, gerando insatisfação corporal, exclusões simbólicas e prejuízos à saúde física e mental. Apesar do crescente debate sobre corpo, beleza e mídia, ainda existem lacunas no que diz respeito à compreensão crítica da beleza corporal como produto de relações de poder, consumo e controle social historicamente constituídas.

Diante disso, torna-se relevante analisar a construção social e histórica da beleza corporal, buscando compreender como esses discursos foram produzidos e naturalizados ao longo do tempo. Tal reflexão contribui para o questionamento dos padrões vigentes e para a promoção de uma concepção mais inclusiva, diversa e humanizada do corpo na sociedade contemporânea.

No que se refere à metodologia, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, baseada na análise crítica de produções acadêmicas das áreas da Sociologia, Filosofia, Comunicação e Estudos Culturais. Foram selecionadas obras e

artigos de autores que discutem o corpo, a beleza, a mídia e a sociedade contemporânea, permitindo uma leitura interpretativa dos discursos e das representações sociais que fundamentam os padrões estéticos. Essa abordagem possibilitou compreender o fenômeno da beleza corporal em sua complexidade histórica e social, sem a pretensão de esgotar o tema, mas de contribuir para uma reflexão crítica e fundamentada.

A Construção Social e Histórica do Conceito de Beleza Corporal

Conforme demonstra David Le Breton no livro *A sociologia do corpo*, as sociologias nascem de turbulências e crises, a partir das quais é traçado o fio condutor do pensamento aplicado na compreensão da sociedade. Ela busca encontrar as lógicas sociais e culturais e dar significação à desordem aparente. O trabalho, o mundo rural/urbano e a vida cotidiana, por exemplo, são eixos de análise para a Sociologia, “[...] que só conheceram o desenvolvimento integral quando as representações sociais e culturais que os dissolviam, até então, na evidência, começaram a se modificar, suscitando uma inquietação difusa no seio da comunidade. O mesmo aconteceu ao corpo” (Le Breton, 2006, p. 11).

Ao longo da história, o corpo tem sido, frequentemente, tratado pela Filosofia e pelas Ciências Humanas do mundo ocidental com um caráter instrumental e mecanicista. São concepções que analisam apenas aspectos físicos e biológicos e ainda podem ser notadas nos discursos sobre o corpo no senso comum. Percebe-se a força dessas explicações no cotidiano dos seus indivíduos em seus comportamentos e em suas representações, tanto dos corpos considerados “eficientes”, quanto dos corpos designados como “deficientes”.

O pai da Filosofia Moderna, René Descartes, definiu a separação do corpo e da mente, fundando o conceito cartesiano, em que o homem apresenta o puro pensamento como veículo de acesso à natureza humana. Percebemos, clara e distintamente, a alma como coisa pensante e não-extensa e, por outro lado, concebemos com a mesma clareza e distinção que o corpo é uma coisa extensa e não-pensante (Descartes, 2000, p. 142). Ao distinguir a alma do corpo, o cartesianismo institui um dualismo de substâncias pelo qual o homem é uma dualidade corpo-espírito, portanto, do ponto de vista desse entendimento, corpo e alma são substâncias de natureza completamente distintas. Esta compreensão dualista leva-nos a abordar o ser humano do ponto de vista da dicotomia corpo/mente.

Antes da existência da distinção na Filosofia Moderna, a relação corpo e alma já era discutida na Grécia Antiga, entretanto a produção de uma imagem de corpo ideal grega, ainda

hoje, é considerada referência, o que mostra o potencial de veiculação cultural dos ideais estéticos. Para os gregos, a imagem idealizada correspondia ao próprio conceito de cidadão e esta deveria ser cultivada por meio de exercícios e meditação. O corpo, naquele contexto, era visto como um elemento tanto de glorificação quanto de interesse para o Estado (Barbosa, Matos, & Costa, 2011).

Segundo Rosário (2006), durante o período medieval, o homem era extremamente contido, visto que a forte presença da instituição religiosa restringia qualquer manifestação mais criativa. O Cristianismo, durante a Idade Média, influenciou as noções e vivências de corpo da época. A união da Igreja com a Monarquia trouxe maior rigidez dos valores morais e uma nova percepção de corpo foi difundida. Assim, a preocupação com o corpo foi proibida e se começou a delinear a concepção que separava corpo e alma, prevalecendo a força da segunda sobre o primeiro.

Já no período renascentista, a concepção de corpo ganhou bases científicas. O corpo começou a ser estudado e, a partir de experimentos, as atividades físicas começaram a ser transcritas, dando início a um processo de disciplinamento do corpo, visando à saúde. Sobre essa questão, pontua Gonçalves & Azevedo (2007):

Com isso, o dualismo que opõe o corpo e o espírito descrito primeiramente por Platão, que afirmava ser o corpo o cárcere da alma, e vivido por Descartes na forma cartesiana que constituía o homem em duas substâncias: uma pensante, a alma, razão de sua existência; e outra material, o corpo visto como objeto para carregar a alma pensante, passa a ser analisado de outra forma na contemporaneidade. (Gonçalves & Azevedo, 2007, p. 205)

Nesse sentido, o corpo passou a ser utilizado como objeto de estudo, uma vez que a curiosidade por explorar sua dimensão, antes relegada a segundo plano, tornou-se imperiosa. Dessa forma, a ciência foi tida como meio de conhecimento e de difusão dos novos saberes.

A modernidade e a contemporaneidade apresentam o corpo com total desestruturação do poder do clero. Nesse sentido, o homem começa a repensar sua relação com o corpo e com o desenvolvimento da racionalidade. O capitalismo, sobretudo na sua fase industrial, fez que o ser humano se compreendesse como um corpo produtor/consumidor que necessita de saúde para melhor produzir e, ao mesmo tempo, adaptar-se aos padrões de beleza para consumir.

Assim, é possível perceber que, ao observarmos os aspectos físicos de uma pessoa, logo somos influenciados a fazer julgamentos, avaliando e classificando de acordo com suas características, que podem ser valorizadas em determinadas sociedades e vistas como menos desejáveis em outras, a depender das convenções sociais predominantes.

A Evolução do Conceito de Beleza

A evolução do conceito de beleza ao longo do tempo reflete as mudanças sociais, culturais e históricas que ocorreram nas diferentes sociedades. Assim, o estudo sobre o corpo é definido de forma social e cultural por meio de representações simbólicas e imaginárias que estão diretamente relacionadas a mudanças definidas a partir da emergência do discurso da interdisciplinaridade no meio profissional e científico. A busca por uma definição sobre ele se deve às transformações sofridas ao longo da construção da sociedade ocidental, haja vista o fato de, até o século XVIII, a Igreja Católica deter o monopólio do pensamento sobre os corpos humanos.

Não é possível estabelecer uma definição do conceito de beleza sem perceber o quanto esse é um processo complexo que ocorre por meio da interação entre fatores sociais, culturais, históricos e individuais. Ao longo da história, diferentes influências moldaram e redefiniram os padrões de beleza, criando uma construção social em constante evolução. Também se encontra essa perspectiva nos estudos de Eco (2014), o qual sugere que o homem faz do belo uma necessidade ou um culto a si mesmo. Sobre isso, afirma que,

A ideia que o homem faz do belo imprime-se em todo o seu vestuário, franze ou estira sua roupa, arredondada ou enrijece o seu gesto e impregna sutilmente, com o passar do tempo, inclusive os traços do seu rosto. O homem acaba por se assemelhar àquilo que gostaria de ser. [...] é antes de tudo a necessidade ardente de alcançar uma originalidade dentro dos limites exteriores da conveniência. É uma espécie de culto a si mesmo, que pode sobreviver, inclusive, a tudo que a chamamos de ilusões. (Eco, 2014, p. 47)

5

Em seus estudos, Eco (2014) abordou a beleza dentro de um contexto mais amplo, explorando sua relação com a estética, a cultura e a percepção humana. Reconheceu, ainda, que a beleza é uma experiência subjetiva e variável que depende de percepções individuais e das influências culturais, sendo que não existem critérios universais e objetivos para a determinar, estando, portanto, sujeita a interpretações e contextos diversos.

A ideia de beleza é uma construção social e histórica, influenciada pelas normas culturais, valores estéticos e tendências artísticas de uma determinada época e sociedade. Eco (2014) também destacou a importância de entender a beleza como um fenômeno em constante mudança e moldado pelas influências sociais e culturais. Também explorou a noção de "estética da feiura", argumentando que a beleza não é, necessariamente, sinônimo de perfeição ou harmonia. Ele sugere que elementos considerados "feios" ou "anormais" também podem ter qualidades estéticas e despertar interesse e apreciação.

Eco (2014) examinou a relação complexa entre beleza e moralidade, sugerindo que a primeira pode ser associada a noções éticas e morais em diferentes contextos culturais. Levantou

questões sobre a ética da beleza e a possibilidade de que a busca desenfreada por ela possa levar a padrões inalcançáveis e prejudiciais para os indivíduos.

É necessário pensar nos diversos fatores que levam o conceito de beleza a se alterar ao longo dos anos e da sociedade. Em primeira análise, está a diversidade de corpos, pois, no passado, os padrões de beleza corporal eram, frequentemente, baseados em ideais restritos, como magreza extrema ou curvas voluptuosas (Barbosa, Matos, & Costa, 2011).

Nessa perspectiva, a análise da diversidade de corpos é um campo de estudo que busca examinar/compreender a representação e a percepção dos corpos em diferentes contextos sociais, culturais e midiáticos. Essa investigação envolve um olhar crítico das normas, estereótipos e padrões de beleza que podem excluir ou marginalizar certos tipos de corpos.

Uma análise da diversidade de corpos envolve a investigação de como são retratados pela mídia, publicidade, televisão, arte, pelo cinema e outras formas de expressão cultural. Ela examina as mensagens transmitidas sobre o que é considerado belo, aceitável ou desejável em termos de aparência física. Sobre isso, Fernandes (2004) sinaliza que,

se o corpo é o local privilegiado de impressão das possibilidades, das regras e restrições de uma sociedade, é o próprio corpo que transforma e é transformado dentro desse contexto, através de uma educação dos gestos, das posturas dentro de cada grupo social. A própria forma como é concebido, os padrões de beleza, os cuidados com o corpo são extremamente distintos entre as culturas. (Fernandes, 2004, p. 52)

A concepção tradicional de beleza, muitas vezes, privilegia características eurocêntricas, deixando de reconhecer e valorizar a diversidade étnica. No entanto, tem havido um crescente reconhecimento da beleza em diferentes traços étnicos e uma demanda por maior representatividade na mídia e na indústria da moda. Isso levou a uma maior valorização da beleza em todas as etnias e culturas, promovendo a inclusão e a celebração da diversidade racial e étnica. Além disso, em contraste com os ideais de beleza homogeneizados do passado, há uma tendência atual de valorizar a individualidade e a autenticidade.

As pessoas estão cada vez mais buscando expressar sua singularidade e encontrar beleza em suas características únicas, em vez de tentar se encaixar em padrões pré-definidos. Fernandes (2004), ao fazer análises com tabelas que apresentam corpos diferentes, mencionou que, basicamente,

as tabelas de base utilizadas apresentam poucas possibilidades: estar dentro de um padrão considerado “normal”, “acima do peso” ou “abaixo do peso”. Esses procedimentos acabam desconsiderando as especificidades biológicas, geográficas e culturais dos indivíduos [...]. Padrões de beleza que, no entanto, podem nem ser alcançados. (Fernandes, 2004, p. 40)

Na contramão desse pensamento padronizado do corpo, a cultura contemporânea está cada vez mais enfatizando a beleza natural e a aceitação das chamadas "imperfeições". Isso significa aceitar rugas, cicatrizes, estrias e marcas de nascença como parte da beleza de uma pessoa. O movimento de aceitação do corpo tem desafiado a ideia de que a beleza está ligada à perfeição e defende uma abordagem mais compassiva e positiva em relação ao corpo humano.

Além dos aspectos puramente estéticos, a beleza também está sendo cada vez mais associada à saúde e ao bem-estar. A conscientização sobre o impacto positivo de uma alimentação saudável, exercícios físicos regulares e cuidados com a saúde mental tem influenciado a percepção de beleza. A ideia de que esta vem de um estilo de vida equilibrado e saudável tem ganhado espaço, enfatizando o autocuidado e a autenticidade.

É importante ressaltar que o conceito de beleza continua a evoluir, sendo influenciado por uma variedade de fatores, incluindo cultura, mídia, movimentos sociais e valores predominantes. A valorização da diversidade, da inclusão e da individualidade tem sido uma parte significativa dessa evolução, buscando romper com os padrões restritivos e promover uma perspectiva mais inclusiva e abrangente de beleza.

A Concepção de Beleza Corporal

7

A concepção de beleza corporal, assim como a de beleza, é um tema complexo e variado, sujeito a influências culturais, sociais e individuais. Ao longo da história, houve diferentes ideais de beleza corporal que variaram de acordo com as épocas e sociedades. Nessa perspectiva, acentua Calabresi (2004) que,

pela interferência da cultura local, o corpo é construído e avaliado, de acordo com os preceitos regionalizados [...] os indivíduos envolvidos culturalmente estão sujeitos a atenderem apelos culturais [...]. Os indivíduos são classificados de acordo com padrões do momento ou cultura que são subjetivos, por serem parte de cada elemento da sociedade que cultua aquela forma de beleza e não outra. (Calabresi, 2004, pp. 79-104)

Em termos gerais, a concepção de beleza corporal está relacionada à apreciação estética do corpo humano e pode abranger vários aspectos, como proporção, simetria, saúde, vitalidade e expressão individual. No entanto, é importante ressaltar que as noções de beleza corporal são altamente subjetivas e podem variar, significativamente, entre diferentes culturas, comunidades e indivíduos.

O corpo não deve ser compreendido como uma mera formação biológica, mas como fonte visível e sensível, pincelado por escritos e marcas em sua existência. Em algumas culturas, podem existir padrões específicos de beleza corporal que enfatizam certos atributos, como

curvas femininas, musculatura masculina, tez da pele, formas faciais, entre outros. Esses padrões podem ser influenciados por fatores históricos, religiosos, sociais, econômicos e, até mesmo, por tendências da mídia e da indústria da moda.

No entanto, é importante reconhecer que os ideais de beleza corporal impostos pela sociedade são, muitas vezes, inatingíveis e podem causar pressões e insatisfação com a própria aparência. Essa pressão social pode levar a práticas estéticas desordenadas e problemas de saúde mental, como transtornos alimentares e baixa autoestima. É preciso lembrar que cada pessoa tem seus anseios por uma beleza saudável. Ninguém é proibido de buscar se sentir melhor com seu corpo, como dizem Soaigher & Cortez (2016):

quando pensamos na relação entre qualidade de vida e beleza é necessário entender que cada indivíduo anseia por objetivos diferentes, e tem expectativas diferentes no alcance da beleza. Um exemplo extremo são os modelos de passarela ou manequim que tem exigências rígidas quanto às medidas corporais. Nesse caso, é preciso maior cuidado, pois a qualidade de vida pode ser prejudicada devida tamanha cobrança (Soaigher & Cortez, 2016, p. 71).

A busca por uma beleza inatingível imposta pela sociedade é um problema significativo e tem consequências negativas para a saúde física e mental das pessoas. A pressão para se enquadrar em padrões de beleza irreais e inalcançáveis cria um ambiente tóxico que promove a insatisfação corporal, a baixa autoestima e uma série de transtornos.

Esses padrões de beleza inalcançáveis são, frequentemente, perpetuados pela indústria da moda, pela mídia e pelas redes sociais, que promovem uma visão estreita e padronizada do que é considerado bonito. Isso cria uma cultura de comparação constante, na qual as pessoas são levadas a acreditar que sua aparência determina seu valor e seu sucesso na sociedade.

Para Vargas (2017, p. 72), “a cultura, através de hábitos e costumes, tem grande influência na delimitação do que é considerado o ideal de beleza na contemporaneidade”. Os transtornos alimentares, como anorexia e bulimia nervosas, são apenas alguns dos problemas graves que surgem dessa busca pela beleza inalcançável. Essas condições podem ter efeitos devastadores na saúde física e mental das pessoas, levando a complicações médicas graves ou, até mesmo, à morte.

Além disso, a insatisfação corporal e a baixa autoestima, resultantes dessa busca obsessiva por uma beleza irreal podem levar a problemas psicológicos, como ansiedade, depressão e isolamento social. A preocupação constante com a aparência física também pode consumir energia e recursos que poderiam ser direcionados para outros aspectos importantes da vida, como relacionamentos, trabalho e desenvolvimento pessoal.

É fundamental questionar e desafiar os padrões de beleza impostos pela sociedade. Devemos promover uma cultura de aceitação e valorização da diversidade de corpos, reconhecendo que a beleza vem em várias formas, tamanhos e características. É necessário enfatizar a importância da saúde física e mental, em vez de buscar um ideal de beleza irreal.

Por isso, os indivíduos e a sociedade devem incentivar uma visão mais ampla e inclusiva da beleza, que celebre a individualidade, a autenticidade e a diversidade. É preciso desafiar os estereótipos e trabalhar para criar um ambiente em que todas as pessoas possam se sentir valorizadas e aceitas, independentemente de sua aparência física.

Nos últimos anos, tem havido um movimento crescente em direção a uma concepção mais inclusiva e diversificada de beleza corporal. Esse movimento busca valorizar e celebrar a diversidade de corpos, desafiando os padrões estreitos e irreais de beleza. A ênfase está em aceitar e apreciar a variedade de formas, tamanhos, cores e características corporais, promovendo a inclusão e a autoaceitação.

A Origem do Culto ao Corpo

A origem do culto ao corpo remonta a tempos antigos e está ligada a uma combinação de fatores culturais, sociais, históricos e psicológicos. É um fenômeno complexo e multifacetado que evoluiu ao longo do tempo, assumindo diferentes formas em distintos períodos e sociedades.

9

Desde os tempos antigos, o corpo humano tem sido objeto de admiração, veneração e, até mesmo, culto em várias culturas. Na Grécia Antiga, por exemplo, o corpo atlético e esculpido dos atletas era considerado um ideal de beleza e força. Assim, o culto à beleza era de extrema importância e se refletia de maneira notável em suas esculturas. Os gregos desenvolveram um alto grau de perfeição no antropomorfismo, buscando representar o corpo humano de forma impecável. Suas esculturas eram caracterizadas por proporções equilibradas e harmoniosas, consideradas o ideal de perfeição estética. Para os gregos, o corpo belo era um símbolo de excelência física e moral.

A busca pela beleza física não se limitava apenas às esculturas, mas também se estendia à vida cotidiana. As primeiras barbearias surgiram na Grécia, onde homens e filósofos se reuniam para conversar e cuidar da aparência. Além disso, as mulheres também se envolviam na busca pela beleza, utilizando maquiagem, como sombra e pó facial. No entanto, é importante mencionar que algumas dessas substâncias, como o pó facial contendo chumbo, acabaram causando danos à saúde ou mortes.

A depilação também era uma prática comum entre as mulheres gregas. Elas buscavam uma pele lisa e livre de pelos, considerando isso um aspecto importante da beleza feminina. Esses cuidados estéticos refletiam os ideais de beleza e o valor atribuído à aparência física na sociedade grega antiga. De acordo com Cotrim (1999), para

os filósofos idealistas, cuja tradição começa em Platão, a beleza é algo que existe em si mesma. Para o filósofo grego, a beleza seria uma forma ideal que subsistiria por si mesma, como um modelo, no mundo das ideias. E o que percebemos no mundo sensível e achamos bonito só pode ser considerado belo porque se assemelharia à ideia de beleza que trazemos guardada em nossa alma. (Cotrim, 1999, p. 19)

Já no Egito Antigo, acreditava-se que a preservação do corpo era importante para a vida após a morte. Essas culturas estabeleceram padrões estéticos e valores específicos em relação ao corpo, influenciando a percepção coletiva da beleza e do culto ao corpo.

A importância atribuída ao corpo, no Egito Antigo, ia além dos padrões estéticos e envolvia uma dimensão espiritual e religiosa. Acredita-se que os egípcios consideravam o corpo como um elemento essencial para a vida após a morte, uma vez que a alma continuaria a existir na vida futura. Para garantir uma existência próspera na vida após a morte, os egípcios adotavam práticas de mumificação, um processo complexo que visava preservar o corpo físico. Acreditava-se que, após a morte, a alma retornaria ao corpo mumificado durante o período chamado de "vida eterna".

Nesse contexto, a preservação do corpo era considerada crucial. Os egípcios acreditavam que o corpo e a alma estavam intimamente ligados, e a manutenção física do corpo garantiria a continuidade da existência após a morte. Assim, a busca por uma aparência física saudável e bem cuidada era uma parte essencial da crença religiosa e do culto ao corpo no Egito Antigo.

Os padrões estéticos também desempenhavam um papel nesse contexto. O ideal de beleza no Egito Antigo envolvia corpos proporcionais e esculpidos, com uma pele clara e saudável. As mulheres, em particular, buscavam um corpo esbelto, com curvas suaves e uma tez clara. Esses padrões estéticos foram representados em obras de arte, como pinturas e esculturas, bem como influenciaram a percepção coletiva da beleza. A aparência física e a preservação do corpo no Egito Antigo também refletiam a hierarquia social e o status, visto que a elite egípcia investia em cuidados pessoais, maquiagem, roupas elaboradas e joias para destacar sua posição na sociedade.

Outro aspecto relacionado ao culto do corpo está direcionado à influência da mídia e da indústria da moda. Com o advento da mídia e, mais tarde, da indústria da moda, o culto ao corpo ganhou um novo impulso. A mídia, incluindo revistas, televisão, cinema e, mais

recentemente, as redes sociais, influenciam na promoção de padrões de beleza idealizados e inatingíveis. A exposição constante a imagens retocadas e corpos “perfeitos” cria uma pressão social para se adequar a esses padrões. Sobre isso, Vargas (2017) sinaliza que

a tecnologia, antes advinda da indústria e da máquina, agora responde pela força de informação. Essa modificação teve grande impacto no modo de pensar, produzir, consumir e comunicar do indivíduo contemporâneo. A sociedade amplamente abastecida pela informação passa a ter a sua subjetividade e imaginário influenciadas pelas possibilidades e conquistas diárias da tecnologia. Essas características que ligam o contexto histórico ao que se pode chamar de pós-modernidade. (Vargas, 2017, p. 79)

A sociedade contemporânea, marcada pelo consumismo desenfreado e pela valorização material, também contribui para o culto ao corpo, uma vez que a indústria da saúde e do bem-estar, incluindo academias de ginástica, spas, produtos de beleza e cirurgias plásticas, criam um mercado em torno da busca pela aparência física ideal. Isso alimenta uma mentalidade de que a felicidade e o sucesso estão, intrinsecamente, ligados à aparência física.

As pressões sociais e individuais desempenham um papel importante no culto ao corpo. Indivíduos podem se sentir compelidos a se encaixar em padrões estéticos estabelecidos pela sociedade para serem aceitos e valorizados. Além disso, a busca por uma aparência física ideal pode ser motivada por inseguranças pessoais, comparação social e a crença de que a aparência física é um indicador de autoestima e sucesso. Nesse sentido, Vargas (2017) alerta que

11

as linguagens, hábitos e costumes são grandes influências para a delimitação de quanto algo é belo, principalmente quando se trata do corpo. Para que a concepção de um corpo seja amplamente aceita como belo é necessário que levemos em conta os adventos da mídia. (Vargas, 2017, p. 72)

A relação entre o culto ao corpo e a Psicologia é complexa. Isso porque a busca pela perfeição física pode ser impulsionada por uma série de fatores psicológicos, a exemplo da baixa autoestima, da insatisfação corporal, dos transtornos alimentares e da dismorfia corporal. Esses fatores podem levar a uma relação disfuncional com o próprio corpo e à busca incessante por mudanças estéticas.

A Mídia e a Insatisfação com o Corpo

O advento das tecnologias de mídia, sobretudo a partir do final dos anos 1990, serviu como forte impulsionador na exposição de corpos, tomando como base certos padrões de beleza definidos a partir de características físicas. Esses padrões dizem respeito a características como olhos grandes, nariz pequeno, queixo pequeno, maçãs do rosto, bochechas estreitas, sobrancelhas altas, pupilas grandes e sorriso largo.

Essas características são vistas como sinônimo de perfeição e usadas como diretrizes para representar a imagem “perfeita” na indústria da moda, na televisão e nas redes sociais, ou seja, nos meios de comunicação de massa, onde as orientações são propagadas para uma quantidade ilimitada de pessoas. Isso cria um tipo de discussão sobre os corpos. Não é possível considerar a satisfação com o corpo como algo individual. Piva (2014) acentua que

a satisfação corporal nada mais é do que o indivíduo estar bem consigo mesmo, ver sua imagem refletida no espelho ou ter a percepção de seu corpo e gostar do que percebe. Já a insatisfação corporal é o inverso, o que acarreta sentimentos e pensamentos negativos sobre a própria aparência, influindo no bem-estar emocional e na qualidade de vida do indivíduo. (Piva, 2014, p. 22)

O texto de Piva (2014) aborda, de maneira clara e objetiva, a dualidade entre a satisfação e a insatisfação corporal, destacando seus impactos diretos na vida emocional e na qualidade de vida dos indivíduos. A satisfação corporal é descrita como a harmonia do indivíduo com sua própria imagem, uma condição na qual a pessoa aprecia o que vê no espelho e se sente bem com seu corpo. Esta percepção positiva é crucial para o bem-estar emocional, contribuindo para uma vida mais equilibrada e feliz.

Por outro lado, a insatisfação corporal é caracterizada por sentimentos negativos em relação à própria aparência, o que pode levar a uma série de problemas emocionais e psicológicos. Esse descontentamento com o próprio corpo pode desencadear baixa autoestima, ansiedade, depressão, dentre outros transtornos, afetando, significativamente, a qualidade de vida. Ainda sobre essa questão, Shmidtt, Oliveira & Gallas (2009) esclarecem que os padrões de beleza impostos socialmente e suas consequências nas práticas estéticas desordenadas são amplamente discutidos e apoiados por muitos estudiosos e profissionais da área da saúde e do bem-estar.

A pressão social para se enquadrar em padrões estéticos específicos, muitas vezes irreais e inatingíveis, pode levar a uma série de comportamentos e práticas prejudiciais à saúde física e mental. Essas práticas podem incluir exercícios físicos excessivos e mal orientados, cirurgias plásticas desnecessárias e dietas restritivas ou compulsivas.

A busca incessante pela aparência “perfeita” ou pela conformidade com os padrões estéticos impostos pela sociedade do consumo pode levar à insatisfação corporal, baixa autoestima, transtornos alimentares, ansiedade e depressão. Essas práticas estéticas desordenadas refletem a influência negativa dos padrões sociais e da mídia na percepção individual de beleza. De fato, afirma Le Breton (2009), tudo no homem faz parte de um sistema

de valores que são próprios de um grupo social, aspectos biológicos que se declinam social e culturalmente, implicando na condição humana diferenças tanto coletivas quanto individuais.

É importante reconhecer e questionar esses padrões impostos, promovendo uma visão mais ampla e inclusiva da beleza que abrace a diversidade de corpos e valorize a saúde física e mental. A conscientização sobre os efeitos negativos dos padrões estéticos irreais pode ajudar a promover uma abordagem mais saudável e equilibrada em relação à beleza e à imagem corporal.

O Poder da Mídia na Sociedade Contemporânea

A sociedade atual é caracterizada por identidades em constante transformação, relacionamentos voláteis e uma cultura voltada para o narcisismo e o espetáculo de si mesmo. Nesse sentido, o indivíduo é exaltado de forma gloriosa, silenciando qualquer conceito de alteridade. Debord (2013) afirma que

o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana – isto é, social – como simples aparência. O espetáculo seria, portanto, a produção ímpar da sociedade atual, em que as pessoas apreciam a aparência em lugar do ser, a ilusão à realidade. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. (Debord, 2013, p. 14)

Artindo do princípio de que a mente humana está, intrinsecamente, ligada aos nossos comportamentos, ao longo dos tempos diversas instituições detentoras de poder concentraram seus esforços na manipulação da mente como uma forma de controlar o indivíduo. Nesse processo de manipulação, um fenômeno que se destaca, atualmente, é a mídia. Ela surge como uma força invasiva, que molda uma cultura midiática em uma sociedade completamente mediada.

A cultura da mídia, predominante na sociedade, estabelece formas e normas sociais, levando muitas pessoas a enxergarem o mundo através de suas perspectivas e vieses. Utilizada como instrumento de manipulação a serviço de interesses particulares, ela reorganiza percepções e dá origem a novas formas de subjetividade, o que traz vantagens e desvantagens, tanto no âmbito individual quanto no âmbito social.

A mídia exerce um poderoso controle vertical, concentrado nas mãos daqueles que manipulam o fluxo de informações, conhecidos como “os detentores do saber”. Como agente influenciador de opiniões, criador e reproduutor de cultura, a mídia interfere, molda e transforma a realidade, as motivações, os padrões de pensamento e comportamento das pessoas. Comprometida com a defesa de seus próprios interesses, ela busca fabricar representações

sociais convincentes, carregadas de uma posição valorativa, assumindo uma postura ideológica e favorecendo o que é mais vantajoso e lucrativo aos seus olhos.

A força da mídia é evidente, tanto no que ela divulga quanto no que ela silencia. Sua eficácia também pode ser observada ao “incutir ideias”, fazendo que o mundo pareça ser exatamente como é mostrado nas capas de revistas, telas de televisão ou computadores. Essa dominação é exercida por meio de um sistema de linguagens verbais e não-verbais, composto por símbolos e signos. Sobre esse poder simbólico, Bourdieu (2001) esclarece que

o poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de eufemização) que garante uma verdadeira transsubstanciação das relações de força fazendo ignorar reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia. (Bourdieu, 2001, p. 15)

Entre os elementos simbólicos presentes na sociedade, o corpo se destaca como um elemento essencial no processo de expressão, comunicação e reprodução simbólica. Nesse contexto, o corpo também carrega as marcas das relações de poder e dominação que permeiam nossa sociedade, manifestadas na imposição dos padrões de beleza, muitas vezes estabelecidos pelos grupos dominantes.

A mídia exerce um papel significativo na percepção dos corpos. Através de suas representações e mensagens, ela molda e influencia as ideias sobre o corpo, estabelecendo padrões estéticos e normas de beleza que impactam a forma como as pessoas se enxergam e se relacionam com seus corpos.

Através de imagens veiculadas em revistas, programas de televisão, filmes e plataformas digitais, a mídia promove uma idealização da aparência física, muitas vezes inatingível e irreal. Isso pode levar a sentimentos de inadequação, baixa autoestima e distorções na percepção da própria imagem corporal.

Além disso, a mídia também desempenha um papel na construção de estereótipos corporais, promovendo a padronização de determinados corpos como ideais e desvalorizando outros, reforçando, assim, preconceitos e discriminações relacionadas à aparência. Nessa mesma linha de pensamento, Betti (2003) afirma que

a importância da mídia no mundo atual é evidente, e sua influência desdobra-se também no âmbito da cultura corporal de movimento, ditando entendimentos sobre as

diversas práticas corporais, reproduzindo-as, mas também as transformando e constituindo novos modos de consumo. (Betti, 2003, p. 12)

É importante, portanto, reconhecer a influência da mídia na percepção dos corpos, desenvolver um senso crítico em relação às mensagens transmitidas, promover uma maior diversidade de corpos e valorizar a aceitação e o respeito pela individualidade, a fim de contribuir para uma percepção mais saudável e inclusiva dos corpos na sociedade.

A Sociedade do Consumo

A sociedade de consumo é um fenômeno caracterizado pela centralidade da satisfação das necessidades ou desejos imediatos como motor principal da economia e como forma de expressão e identificação social. Nessa sociedade, surgida após a Revolução Industrial e em virtude das invenções, facilidades e ofertas trazidos por ela, o consumo é incentivado e exaltado como um meio de buscar felicidade, status, pertencimento e satisfação pessoal, no entanto essa busca incessante tem consequências significativas em diversos aspectos da vida social, econômica e ambiental.

Essa sociedade surgiu após a Revolução Industrial em virtude das invenções, facilidades e ofertas trazidos por ela. Quanto ao impulso da industrialização, Barbosa (2004) afirma que

15

as principais invenções mecânicas da indústria de tecidos, cabeça de lança da industrialização, só apareceram a partir da década de 1780, embora a indústria de roupas já funcionasse a pleno vapor, fundada no trabalho externo ou doméstico dos artesãos, permanecendo com essa estrutura produtiva até a década de 1830. O mesmo se refere à indústria de brinquedos, cujas inovações tecnológicas só vieram a afetá-la depois de plenamente estabelecida. (Barbosa, 2004, p. 13)

Em termos econômicos, a sociedade de consumo estimula um ciclo contínuo de produção e consumo, impulsionado pela constante criação de necessidades e desejos artificiais. Isso gera um padrão de consumo insustentável, baseado no esgotamento de recursos naturais, na exploração de mão de obra e na geração de resíduos e poluição. Além disso, a ênfase no consumo exacerbado contribui para desigualdades socioeconômicas, uma vez que nem todos têm acesso igualitário aos bens e serviços desejados. Sobre isso, O'Guinn & Faber (1989) apontam que

os compradores compulsivos não dão grande importância para a posse do item comprado, as gratificações derivam do contato interpessoal, emoções e positiva autoestima que foram geradas. Os itens comprados frequentemente dão pouca utilidade para o comprador e, em alguns casos, os produtos não são nem mesmo retirados da embalagem. (O'Guinn & Faber, 1989)⁴

⁴ Tradução minha. A fonte consultada não é paginada.

No aspecto social, a sociedade de consumo promove uma cultura do individualismo, do materialismo e da competição, onde o valor pessoal e a identidade são, muitas vezes, medidos pela posse de objetos e pela capacidade de consumir. Isso pode levar ao isolamento social, à falta de conexões humanas significativas e à fragilidade dos laços comunitários, uma vez que as relações são, frequentemente, mediadas pelo consumo. Além disso, a sociedade de consumo também influencia a forma como os sujeitos se percebem e se relacionam.

Bauman (2001), ao se reportar a essa sociedade de mudanças, evoca o termo “modernidade líquida” para descrever as condições da pós-modernidade e discutir as transformações do mundo moderno nos últimos tempos. Ele utiliza a metáfora da liquidez para ilustrar o estado dessas mudanças, destacando a facilidade de adaptação, a maleabilidade e a capacidade de manter as propriedades originais. Argumenta que as formas de vida moderna são vulneráveis e fluidas, incapazes de manter uma identidade estável por muito tempo, o que reforça a natureza temporária das relações sociais.

Essa fluidez e volatilidade das relações sociais, na modernidade líquida, têm implicações significativas. As estruturas sociais se tornam mais flexíveis, os laços sociais se fragilizam e as relações são, cada vez mais, transitórias. Essa liquidez também se manifesta na esfera econômica e cultural, com a rápida obsolescência de produtos, a constante busca por novidades e o descarte fácil de objetos e ideias. Corroborando essa discussão, Barbosa (2004) esclarece que

16

o espírito do consumismo moderno ‘é tudo, menos materialista’. Se os consumidores desejassem realmente a posse material dos bens, se o prazer estivesse nela contido, a tendência seria a acumulação dos objetos, e não o descarte rápido das mercadorias e a busca por algo novo que possa despertar os mesmos mecanismos associativos (Barbosa, 2004, p. 49).

Essas características da modernidade líquida têm impactos tanto positivos quanto negativos. Por um lado, a flexibilidade e a adaptabilidade podem permitir a experimentação e a liberdade individual, por outro lado podem gerar incertezas, instabilidade e uma sensação de falta de raízes e pertencimento.

Em uma sociedade de consumo, marcada pela satisfação das massas e para as massas, alta taxa de descarte de mercadorias per capita, presença da moda, sociedade de mercado, sentimento permanente de insaciabilidade”, a educação, como posto por Pleines (2010), possui a tarefa de não apenas

tomar as medidas necessárias para que o desenvolvimento natural e espiritual transcorra, tanto quanto possível, sem entraves, mas, também, para que a vida individual e comunitária seja conduzida a sua mais elevada perfeição num discurso refletido, num pensamento penetrante e numa ação conforme à razão (Pleines, 2010, p. 15).

Em suma, a modernidade líquida descreve um estado de fluxo e mutabilidade nas estruturas sociais, econômicas e culturais da sociedade contemporânea. É um conceito que busca compreender as transformações e os desafios enfrentados na era pós-moderna, onde o consumismo e a fluidez das relações sociais desempenham papéis significativos.

Dante dessas questões, é fundamental repensar os valores e as práticas da sociedade de consumo. Isso envolve promover um consumo mais consciente e responsável, valorizar a qualidade em vez da quantidade, buscar alternativas sustentáveis e priorizar relações humanas autênticas e significativas. É importante repensar o significado do sucesso e da felicidade, questionar as mensagens veiculadas pela mídia e buscar uma transformação para uma sociedade mais equitativa, sustentável e centrada no bem-estar coletivo.

A Influência da Mídia na Insatisfação com o Corpo

Por meio da análise da influência das mídias como televisão, videogame, jogos para computador, internet e telefone celular na vida dos adolescentes, é possível que a televisão seja o meio de comunicação de massa mais difundido, seguido do computador e da internet. Lévy (1999) afirma que as novas tecnologias de comunicação estão difundidas na contemporaneidade por meio da internet e da televisão, mas também das agências bancárias, lojas e outros serviços presentes nas cidades. Desse modo, percebe-se que a influência midiática é um importante veículo formacional e constituinte do indivíduo.

A mídia desempenha um papel significativo na promoção de padrões de beleza irrealistas e na influência da insatisfação com o corpo. Através de imagens retocadas e idealizadas veiculadas em revistas, programas de televisão, filmes e plataformas digitais, a mídia cria um padrão inatingível de perfeição física, o que pode levar a uma série de problemas relacionados à insatisfação com o corpo.

Ao expor, constantemente, imagens de corpos considerados como ideais, a mídia estabelece uma comparação implícita entre essas imagens e a aparência individual, criando um sentimento de inadequação e pressão para se encaixar nesses padrões. Isso pode levar à baixa autoestima, insegurança, distúrbios alimentares, ansiedade e outros problemas de saúde mental.

Além disso, a mídia também promove a cultura do corpo “perfeito”, reforçando a ideia de que a felicidade e o sucesso estão, diretamente, relacionados à aparência física. Essa mensagem constante pode levar as pessoas a buscarem métodos extremos e não saudáveis para alcançar um padrão de beleza irreal, como dietas restritivas, procedimentos estéticos invasivos ou até mesmo distorções na percepção da própria imagem corporal.

Para Marteleto (2001), as redes sociais impulsionadas pela expansão da internet têm se configurado como agrupamentos de indivíduos que compartilham ideias e valores de interesse comum. Mizruchi (2006) acrescenta que, com o avanço das mídias digitais e o surgimento de ferramentas interativas, como plataformas de compartilhamento de conteúdo, essas redes se tornaram cada vez mais presentes na sociedade.

De acordo com Tomaél, Alcará & Chiara (2005), a organização social é um processo complexo mediado por múltiplas interações que envolve canais de fluxo de informações. Essas interações podem aproximar ou distanciar os indivíduos, enquanto o compartilhamento fortalece e mobiliza a construção das redes sociais que, por vezes, exercem influência nos padrões elaborados pela sociedade.

É nessa perspectiva que as redes sociais digitais desempenham um papel significativo na atual configuração da sociedade. Elas permitem a conexão entre pessoas que compartilham interesses e valores comuns, proporcionando um espaço para o compartilhamento de informações e a construção de redes sociais, as quais têm impacto na maneira como a sociedade se organiza e influenciam os padrões/normas que são estabelecidos.

É importante ressaltar que as redes sociais, além de estimularem o individualismo, incentivam a autopromoção e a construção de uma imagem idealizada de si mesmo. As pessoas tendem a mostrar apenas os aspectos positivos de suas vidas, criando uma representação cuidadosamente selecionada e construída de quem são. Isso pode levar a uma cultura de busca por reconhecimento, validação e comparação constante com os outros, alimentando, portanto, o individualismo e a necessidade de se destacar.

As redes sociais utilizam algoritmos que filtram e personalizam o conteúdo exibido para cada usuário, com base em suas preferências e comportamentos anteriores. Isso pode criar uma "bolha" de informação em que cada pessoa é exposta principalmente a conteúdos que confirmam suas próprias visões e interesses, reforçando a perspectiva individualista e limitando a diversidade de opiniões. Nessa perspectiva, Kakutani (2018) aponta que

o uso da internet passa a ocupar as mais diversas áreas da vida do cidadão, como: lazer, trabalho e nas formas de conviver socialmente. E amplifica muitas dinâmicas já em curso na cultura contemporânea, desde o egocentrismo das gerações do "eu" e da "selfie" até o isolamento das pessoas em bolhas ideológicas e a relativização da verdade. (Kakutani, 2018, p. 151)

Existe, ainda, a utilização das redes sociais para expressar opiniões, experiências pessoais e conquistas individuais. Isso pode levar as pessoas a se concentrarem, excessivamente, em si

mesmas, priorizando sua autorrepresentação e buscando validação externa por meio de curtidas, comentários e seguidores. Por outro lado, pode levar a uma cultura de competição e comparação, em que cada um busca superar o outro em termos de aparência, conquistas e estilo de vida. Essa mentalidade competitiva pode aprofundar o individualismo, à medida que cada pessoa busca se destacar e ser vista como única e especial. Ainda acrescenta Sibilia (2008) sobre os usos da internet na construção da identidade dos sujeitos:

o eu que fala e se mostra incansavelmente na web costuma ser um ser tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem. Além disso, porém, não deixa de ser uma ficção; pois, apesar de sua contundente autoevidência, é sempre frágil o estatuto do eu. Embora se apresente como “o mais insubstituível dos seres” e “a mais real, em aparência, das realidades”, o eu de cada um de nós é uma entidade complexa e vacilante. Uma unidade ilusória construída na linguagem, a partir do fluxo caótico e múltiplo de cada experiência individual. (Sibilia, 2008, p. 31)

É importante ressaltar que a mídia não é o único fator responsável pela insatisfação com o corpo, pois existem influências culturais, sociais e individuais complexas, no entanto, ela exerce um impacto significativo na formação de ideais estéticos e na maneira como as pessoas percebem seus corpos.

Para combater a influência negativa da mídia, é essencial promover uma maior diversidade de corpos e representações, incentivando uma visão mais inclusiva e realista da beleza. É importante, também, cultivar a conscientização crítica em relação às mensagens midiáticas, desenvolvendo uma visão mais saudável e empoderada da própria aparência e valorizando a diversidade e a individualidade. A educação sobre imagem corporal, autoaceitação e autoestima também desempenham um papel fundamental na promoção de uma relação positiva com o corpo, independentemente dos padrões de beleza impostos pela mídia.

19

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo evidenciou que a beleza corporal não pode ser compreendida como um atributo natural, fixo ou universal, mas como uma construção social e histórica profundamente marcada por contextos culturais, religiosos, econômicos e políticos. Ao percorrer diferentes períodos históricos, foi possível constatar que o corpo sempre esteve no centro de disputas simbólicas, sendo ora valorizado, ora controlado, disciplinado e normatizado conforme os interesses e valores predominantes de cada sociedade.

Observou-se que, na contemporaneidade, os padrões de beleza são fortemente influenciados pela mídia, pela indústria cultural e pela lógica da sociedade de consumo, que promovem ideais estéticos homogêneos, idealizados e, muitas vezes, inalcançáveis. Esses

discursos produzem impactos significativos na forma como os indivíduos percebem e vivenciam seus corpos, contribuindo para a insatisfação corporal, a baixa autoestima, a intensificação de práticas estéticas desordenadas e o adoecimento físico e mental. A mídia, ao reforçar estereótipos e padrões restritos, atua como um poderoso agente de controle simbólico, legitimando modelos corporais excludentes e hierarquizantes.

Além disso, a pesquisa destacou que o culto ao corpo, embora possua raízes históricas antigas, assume novas configurações na sociedade contemporânea, especialmente a partir do consumo, do individualismo e da espetacularização da vida cotidiana. Nesse cenário, o corpo passa a ser entendido como mercadoria, capital simbólico e instrumento de reconhecimento social, o que intensifica as pressões sobre os sujeitos para se adequarem aos modelos vigentes.

Por outro lado, também foi possível identificar movimentos de resistência e ressignificação dos padrões de beleza, que valorizam a diversidade corporal, a inclusão, a autenticidade e o bem-estar. Esses movimentos representam avanços importantes no questionamento dos ideais hegemônicos e na promoção de uma relação mais saudável, ética e humanizada com o corpo, embora ainda enfrentem fortes barreiras estruturais impostas pela mídia e pelo mercado.

Diante disso, conclui-se que é fundamental fomentar uma postura crítica frente aos discursos midiáticos e aos padrões de beleza impostos socialmente, bem como investir em processos educativos que promovam a valorização da diversidade corporal e da saúde integral. A reflexão crítica sobre a construção social da beleza corporal contribui não apenas para o enfrentamento da insatisfação com o corpo, mas também para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e sensível às múltiplas formas de existência e expressão do corpo humano.

20

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Lívia. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BARBOSA, Maria Rita; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Eugênia. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, p. 24-34, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BETTI, Mauro. **Educação Física e mídia: novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, p. 73-81, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CALABRESI, Claudia Aparecida. **Com que corpo eu vou: a beleza e a performance na construção do corpo midiático**. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FERNANDES, Rosana Dias. **Significados da ginástica para mulheres praticantes em academia: corpo, saúde e envelhecimento**. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2004.

GONÇALVES, Andréia Silva; AZEVEDO, Alda Amarante. A ressignificação do corpo pela Educação Física escolar face ao estereótipo de corpo ideal construído na contemporaneidade. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 2, p. 201-209, 2007.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

21

LE BRETON, David. **Paixões ordinárias**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001.

MIZRUCHI, Mark. Análise de redes sociais: avanços recentes e controvérsias atuais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. 3, p. 72-86, 2006.

O'GUINN, Thomas C.; FABER, Ronald J. Compulsive buying: a phenomenological exploration. **Journal of Consumer Research**, v. 16, n. 2, p. 147-157, 1989.

PIVA, Jéssica. **Satisfação com a imagem corporal de mulheres que frequentam academias de ginástica no município de Jataí/GO**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Goiás, Jataí, 2014.

PLEINES, Jürgen E. **Friedrich Hegel**. Recife: Editora Massangana, 2010.

ROSÁRIO, Nísia Martins. **Mundo contemporâneo: corpo em metamorfose**. 2006. Disponível em: http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia_semiotica/conteudos/corpo.htm. Acesso em: 5 jan. 2022.

SHMIDTT, Alexandra; OLIVEIRA, Claudete; GALLAS, J. C. **O mercado da beleza e suas consequências.** Universidade do Vale do Itajaí, 2009. Disponível em: <http://siaibiboi.univali.br/pdf/alexandra%20shmidtt%20e%20claudete%20oliveira.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2022.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOAIGHER, Karina A.; CORTEZ, Denise A. O poder da vaidade e do autocuidado na qualidade de vida. **Cinergis**, v. 18, n. 1, 2016.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; CHIARA, Ivone Guerreiro. Das redes sociais à inovação. **Ciência da Informação**, v. 34, n. 2, p. 93-104, 2005.

VARGAS, Rosane Cristina. **Não modulação: arte contemporânea, beleza e o corpo na pós-modernidade.** 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.